

José Fernando Gonçalves
**Em viagem - experiência,
conhecimento na arquitectura
portuguesa do século XX**



Viajantes

A viagem de arquitectura marcou o pensamento e produção arquitectónicas da modernidade, quer porque a experiência da viagem revelou que o conhecimento em arquitectura incorpora necessariamente uma aproximação sensorial ao espaço construído, quer porque a história se redescobriu como uma ferramenta de projecto bem mais profícua que um mostruário de estilos. No trânsito das ideias e conhecimentos adquiridos na viagem, podemos assim traçar a evolução de um percurso que fundou uma metodologia de projecto única e verdadeiramente moderna: o arquitecto moderno questiona a história diferentemente, porque a vê com o pensamento e interpreta com a necessidade.

Sob o ponto de vista disciplinar podemos dizer que esse percurso começa com a Revolução Científica que atravessa os séculos XVII e XVIII, no momento em que se separa a ciência da filosofia. O fim da hegemonia de uma ordem ou saber místicos, fundado nos conhecimentos científicos sobre o homem e natureza, traça um caminho que, de Galileu a Darwin, se reflecte nas metodologias do projecto arquitectónico. Neste último, esse desenvolvimento centra-se nos valores humanistas que descobrem a produção artística como um processo, portanto sem uma ordem divina ou platónica pré-estabelecida.

O desenvolvimento científico centrado na natureza, que apela ao retorno a um mundo em estado puro, o lugar do *bom selvagem* de Rousseau, tem como contraponto cultural a viagem às origens, à matriz da cultura ocidental. O *Grand Tour* e mais tarde os percursos pelos territórios “não contaminados” pela industrialização, que Le Corbusier descobre na sua Viagem ao Oriente, ou Aldo Van Eyck no Norte de África, são expressões de uma metodologia do conhecimento que se funda no princípio do “recomeço”, em busca de um sentido artístico ajustado ao *homem novo*.

A síntese operada através dessa experiência de viagem irá resolver a esterilidade de um processo criativo que se inicia com o mote da máquina e da produção em série. Depois de libertado da sua manifestação estilística, o filão da história como ferramenta operativa para o projecto será responsável pela complexidade dos sentidos e expressões que a arquitectura moderna virá a incorporar. Em última análise, constituiu uma possibilidade de construção de identidade moderna, alternativa à exigida pela pressão da indústria e da metrópole. Será o tema das vanguardas artísticas e mote para as viagens de Lewerentz, Asplund, Le Corbusier, Alvar Aalto, Mies Van der Rohe, Bruno Taut, Louis Kahn, etc.

1. A viagem dos arquitectos portugueses

A construção da identidade moderna Portuguesa não percorreu os mesmos caminhos. Do mesmo modo que a ausência de industrialização e da metrópole teve consequências decisivas nos modelos de crescimento das cidades portuguesas e na sua produção arquitectónica, também os resultados da viagem nas primeiras décadas do século XX

tiveram diferentes ou nulos efeitos quando comparados com as viagens de referência atrás mencionadas.

Ao falar de arquitectura e viagem em Portugal será importante começar por sublinhar que a ideia do *Grand Tour* chegou a Portugal mais rapidamente através da literatura, acompanhando a moda das narrativas de viagem que se difundem desde o século XVIII, que da experiência vivida e relatada pelos arquitectos. E esse conhecimento proporcionado pela viagem transfere-se para uma experiência no território nacional, tanto por razões ideológicas (no período dos nacionalismos) como por razões económicas. Na literatura portuguesa de XIX esse processo identifica-se por exemplo em Almeida Garret nas *Viagens na Minha Terra* (1846), que repete Laurence Stern em *Uma Viagem Sentimental* (1768). Mas também se reflecte nos guias ou narrativas de viagem que confirmam esta tendência, incorporando uma visão geográfica e antropológica, como nas *Praias de Portugal* (1876) de Ramalho Ortigão ou uma reflexão critica sobre os processos de contaminação cultural como n' *A Cidade e as Serras* (1901) de Eça de Queirós.

Numa altura em que o comboio facilita e democratiza o acesso às cidades e lugares de Portugal mais longínquos, o Guia de Portugal (1907) será outra manifestação de uma prática de viagem que incentiva o turismo, replicando o Guia Baedeker alemão que desde a segunda metade de XIX foi a referência bibliográfica para os viajantes que cruzavam o território europeu.

1.1. Academia e Grand-Prix - A Viagem de formação académica

Na historiografia portuguesa não existe informação que nos permita avaliar a influência do *Grand Tour* na formação e produção dos arquitectos portugueses do século XIX. O principal momento de contacto com a “grande cultura” parece ter ocorrido na formação de alguns arquitectos que, sobretudo nas *Beaux-Arts* de Paris, encontraram a oportunidade para o alargamento do conhecimento através do contacto directo com a arquitectura que ali se produzia. Foi o que aconteceu com a arquitectura de ferro e com a arquitectura das exposições internacionais. Para alguns essa experiência estendia-se mais tarde ao universo italiano através do *Grand-Prix de Rome*, atribuído às melhores classificações de fim de curso e que permitia a residência italiana num período que podia ir até um ano.

De entre os arquitectos portugueses que se integram nesta última condição destacamos: José Luis Monteiro (1848-1942), bolseiro em Paris (1873-78) e Roma (1878-1880); Ventura Terra (1866-1919), estudante na EBAP e depois nas *Beaux-Arts* de Paris (1886-1896); ou Marques da Silva (1869-1947), estudante nas *Beaux-Arts* de Paris (1889-1896).

Outro arquitecto cuja formação se pode inscrever no âmbito anteriormente apontado, é Raul Lino (1879-1974). Porém, diferentemente, a sua formação no exterior estruturou-se na área das *arts&crafts* quando estudou em Inglaterra, conhecimento disciplinar que viria a aprofundar na *Handwerker Kunstgewebeschule*, para onde vai aos 14 anos estudar